

Piscina (sem água)

De

Leandro Goddinho

2014 Copyright. Todos os  
direitos reservados.  
Leandro Goddinho

Leandro Goddinho

leandrogoddinho@gmail.com

11 982934055

1. EXT. - RUA DE UM BAIRRO RESIDENCIAL - DIA

Créditos iniciais sobre tela preta.

Do interior de um carro em baixa velocidade, ouve-se o motor, alguns gemidos de bebê e duas vozes femininas jovens.

CLAUDIA  
(apreensiva)  
É aqui Ana, eu acho que é aqui...  
encosta o carro!

ANA  
Mas aqui, Clau?! Tem certeza? Casa  
estranha. Parece que tá abandonada.  
Olha direito o número...

CLAUDIA  
É esse o número sim.

Ouve-se o carro estacionando. Som do freio de mão.

FADE IN

UMA CAMERA FIXA DENTRO DO CARRO MOSTRA, PELO VIDRO  
DIANTEIRO, UMA RUA DE CASAS ANTIGAS. ESTE SERÁ O ÚNICO PONTO  
DE VISTA E ENQUADRAMENTO DE TODA A CENA 1.

Não há transito ou transeuntes na rua. Apenas um cachorro  
revirando o lixo na calçada. Pelo retrovisor central, vemos  
um bebê sentado numa cadeirinha de segurança no banco  
traseiro.

Som de porta do carro abrindo. Passos. Outra porta abre e  
fecha. Mais passos. Som de porta traseira abrindo.

Vê-se uma mulher pelo vidro dianteiro. ANA, 35, morena,  
cabelos curtos, passa pela frente do carro. No retrovisor,  
acompanhamos CLAUDIA, 27, branca, cabelos castanhos,  
sobrancelhas grossas; tirando o bebê da cadeirinha.

Som de porta batendo. Passos.

CLAUDIA  
A campainha não funciona!

ANA  
Falei... Não tem ninguém morando  
aí. Ó, o portão tá até aberto.

CLAUDIA  
Segura a Cris pra mim.

Palmas. Breve silêncio. Palmas.

(CONTINUA)

CLAUDIA

Eu vou lá na porta.

Portão de ferro range. Passos lentos. Batidas na porta. Mais batidas na porta.

ANA

Claudia, não tá vendo que essa casa tá caindo aos pedaços... não tem ninguém morando aí.

Som de batidas na porta. Mais batidas insistentes. Ouve-se uma voz feminina rouca, vinda da casa ao lado.

VIZINHA

Ô moçinha, assim vai derrubar a porta.

CLAUDIA

(assustada)

Desculpa. É que a gente tá procurando uma Senhora chamada Marlene Bernhard. Sabe se ela ainda mora aqui?

Ouve-se o portão da casa ao lado abrindo. Passos. Som de objeto com rodinhas sendo puxado.

VIZINHA

Mora uma velha aí nessa casa, mas não sei o nome dela não. Nunca troquei uma palavra.

CLAUDIA

(batendo na porta)

E por quê ninguém atende? Tem muitos dias que não vê ela?!

Vê-se a vizinha passar pela frente do carro puxando um carrinho de feira. Ela fala sem olhar para trás.

VIZINHA

Ixi, nem adianta bater nessa porta aí.

A vizinha espanta o cachorro que revira o lixo. Segue resmungando pela calçada. Claudia e Ana continuam conversando enquanto acompanhamos a vizinha descendo toda a rua até sumir de foco.

Rangido de portão de ferro. Passos rápidos.

CLAUDIA  
(em voz baixa)  
Eu vou lá! Preciso saber quem é  
essa mulher.

ANA  
Quer que eu vá com você?

CLAUDIA  
Melhor não, Ana. Senão tem que  
levar a Cris junto. Tudo bem você  
ficar no carro com ela? Não vou  
demorar.

Gemidos de bebê.

ANA  
(beijando o bebê)  
Pode deixar. Eu sei cuidar dessa  
coisinha 'gôtoza'.

CLAUDIA  
Daqui 10 minutos tem que dar  
mamadeira, tá? Já tá pronta na  
bolsa rosa grande. Não esquece,  
hein Ana!

ANA  
Eu sei. Relaxa que num vou  
esquecer. Vai tranquila. Qualquer  
coisa eu tô com o celular ligado,  
tá?

Portão de ferro range.

## 2. INT. - CASA DE MARLENE - DIA

MARLENE, 80 anos, magra, pele branca e enrugada. Olhos azuis grandes e fundos. Cabelos volumosos, como um imenso algodão doce, em coque. Usa casaco, cachecol, e um pequeno chapéu caído levemente para a direita, que lembra um ninho de passarinho cheio de penas. Ela varre o chão e limpa objetos.

O ambiente é escuro e minúsculo, a cama fica a poucos passos de uma pia improvisada. Um disco toca numa vitrola antiga uma música popular Alemã. Há também uma geladeira, uma poltrona velha, um imenso tapete no chão, uma estante com livros e uma coleção de objetos antigos espalhados pelo ambiente. Não tem janelas. O espaço é iluminado por pontos de luz indireta. Finos raios de luz vêm do teto.

(CONTINUA)

Marlene ouve passos do lado de fora, seguidos de palmas. Ela vai até a vitrola e tira a agulha do disco em rotação. Sobe numa escada encostada na parede e puxa uma corda pesada e grossa. Com o movimento, um teto de lona se abre deixando entrar uma luminosidade excessiva. Marlene protege os olhos com as mãos e vê uma mulher por entre os raios de luz, bem acima de sua cabeça. Claudia se assusta com a aparição repentina da senhora. Vê a velha dois metros abaixo dos seus pés, através de uma fresta, dentro de um buraco coberto por uma lona.

CLAUDIA

(olhando para baixo  
desconfiada)

Oi! É... Boa tarde. A Senhora, por acaso, conhece Marlene Bernhard?

Marlene dá um passo para trás, acuada, e esconde discretamente o rosto na penumbra.

MARLENE

Talvez! Quem é você?

Claudia abaixa-se na beira do buraco para falar mais próximo de Marlene.

CLAUDIA

(hesitante)

Ai claro, desculpa! Eu nem...  
Meu nome é Claudia.  
Müllenberg, Claudia  
Müllenberg. Eu sou neta de  
Christine Müllenberg.

Marlene dá um passo à frente. Seu rosto volta a ser iluminado pelos raios de sol. Fica imóvel, olhando fixamente os olhos de Claudia.

Marlene puxa a corda. Abre toda a lona que reveste o buraco, revelando-se dentro de uma enorme piscina desativada. Claudia, que está agachada na beira da piscina, levanta-se lentamente acompanhando o movimento da lona e o revelar da 'casa' de Marlene.

3. EXT. - FLASHBACK - PISCINA CHEIA - DIA

Letreiro: Brasil. Década de 40.

Dia ensolarado. A mesma piscina está cheia de água. CHRISTINE, 21 anos, cabelos vermelhos, nariz anguloso, rosto cheio de sardas; e Marlene, 19 anos, cabelos escuros, olhos azuis; estão dentro d'água. Marlene bóia. Christine ampara

(CONTINUA)

suas costas para que não afunde. Pássaros cantam. Pequenas ondas batem repetidamente na borda da piscina.

Uma mulher, ao longe, grita em Alemão.

BEATRICE  
(voz off)  
Christine, Marlene. Wo steckt ihr?  
Kommt sofort rein... Christine,  
Marlene!

Christine e Marlene mergulham. Se escondem no canto da piscina, ao lado da escada. Mesmo debaixo d'água, ouvem a voz da mulher.

BEATRICE  
(voz off)  
Marlene, Christine! Ich weiß, dass  
ihr euch versteckt hat und ich  
finde es überhaupt nicht lustig.

As duas continuam submersas. Ouvem gritos cada vez mais próximos. Trocam olhares apreensivos. Christine estende o dedo mindinho e tateia a mão de Marlene debaixo d'água. Entrelaçam os dedos mindinhos com força. Marlene prende-se à escada com o outro braço. Vemos uma tatuagem com os números 73981 inscritos no braço de Christine.

CORTA PARA O PRESENTE:

4. EXT. - PISCINA VAZIA - DIA

A casa/piscina de Marlene está totalmente descoberta. Claudia, continua de pé na borda, assustada.

MARLENE  
(olhando pro alto)  
Vai ficar aí parada, moça?!

Silêncio.

MARLENE  
Desce por essa escada.

Claudia vai até a escada e ensaia desajeitadamente a melhor forma de descer.

MARLENE  
Limpa bem os pés antes de entrar.

(CONTINUA)

Claudia tira os sapatos. Deixa-os na beira da piscina. Põe a bolsa no pescoço. Desce a escada. Chegando ao chão, esbarra em um móvel e fica constrangida. Observa o ambiente. Marlene está de costas limpando alguns objetos.

MARLENE

Senta.

Claudia percebe que só tem uma cadeira à mesa, e puxa um banco encostado na parede.

Marlene lava um copo numa bacia cheia de água. Pega uma garrafa térmica e enche dois copos de café. Serve Claudia olhando fixamente o seu rosto.

CLAUDIA

Obrigada.

Marlene senta. Claudia abre dois botões do casaco e tira uma echarpe amarela do pescoço enquanto analisa o ambiente.

MARLENE

Se quiser tirar o casaco.

CLAUDIA

Não, eu tô bem assim. Obrigada.

Claudia toma um gole do café. Marlene analisa seu rosto. Claudia observa a cama muito bem arrumada.

CLAUDIA

A Senhora mora aqui... dentro?

Marlene respira funda e solta o ar sem esconder sua irritação.

MARLENE

(apontando pra cima)

Se quiser ir no banheiro, é lá em cima, na edícula.

Claudia sorri. Marlene pega um cigarro e põe na boca. Tira uma caixa de fósforos do bolso. Acende o cigarro. Oferece um à Claudia, que recusa fazendo um gesto com a mão. Marlene olha fixamente o rosto da jovem enquanto fuma. Passa a mão nos cabelos de Claudia, deixando-a desconcertada.

CLAUDIA

O que aconteceu com a frente... com a outra parte da casa?!

Marlene continua fumando e olhando a jovem, em silêncio.

(CONTINUA)

MARLENE

Você não se parece em nada com a sua avó.

Celular toca. Claudia se assusta. Abre a bolsa em busca do aparelho. Mexe nos bolsos do casaco, volta a procurar na bolsa. Marlene apaga o cigarro ainda pela metade num cinzeiro em cima da mesa. Marlene levanta e vai alimentar um peixe no aquário em cima de um dos móveis.

CLAUDIA

Oi? Aham. Não. Tá, tá sim! Sim, sim.

Claudia vira o corpo, põe a mão na boca e fala baixo, entredentes.

CLAUDIA

Depois a gente conversa... Ok, sim, tá tudo bem! Não esquece da mamadeira, hein? Tá bom.

Claudia desliga o celular. Percebe que está sendo observada por Marlene.

MARLENE

Marido?

CLAUDIA

Não. Quer dizer... Uma amiga.

MARLENE

Ah, sim! Mais café?

CLAUDIA

Não, eu ainda. Não precisa.

Marlene senta-se à mesa.

MARLENE

Você não parece neta de Alemã. Tá mais praquela pintora Mexicana.

CLAUDIA

(sorrindo)

Quem? A Frida?! Ah... deve ser a roupa. Nossa, que engraçado... Sabe que tô lendo a biografia dela? Minha tese de mestrado é sobre auto retratos.

Marlene pega a metade do cigarro que havia apagado no cinzeiro.

CLAUDIA  
Mas ainda tô no início da minha  
pesquisa...

Marlene pega a caixa de fósforos na mesa. Acende o cigarro torto com dificuldade.

CLAUDIA  
(desconcertada)  
A Frida dizia que pintava a si  
mesma porque tava sempre sozinha e  
era o único assunto que conhecia  
bem.

Marlene fuma em silêncio. Tem o olhar distante. Não presta atenção no que Claudia diz.

CLAUDIA  
Eu me identifico um pouco com isso.  
O difícil é saber pintar.

Claudia ri e dá mais um gole no café. Fica constrangida com o silêncio de Marlene à sua frente e não pára de falar.

CLAUDIA  
Gosto de um quadro que tem duas  
imagens dela de mãos dadas, sabe?  
Com os corações pra fora, assim,  
ligando as veias uma da outra...

Marlene continua com o olhar perdido, deixando a jovem cada vez mais desconcertada enquanto fala.

CLAUDIA  
Chama "duas Fridas". É o meu auto  
retrato favorito. (Pausa) Imagino  
que a Senhora não saiba que a Frida  
era filha de Alemão!

Marlene volta o olhar para Claudia.

MARLENE  
E então?!

CLAUDIA  
O nome dela era Frieda. Com um "e"  
no meio... Daí com o tempo ela  
cedeu ao sotaque espanhol e passou  
a se chamar Frida.

MARLENE  
O quê que você veio fazer aqui?

Longo silêncio. Marlene pega o copo de Claudia.

MARLENE

Posso?!

Marlene levanta para pegar mais café. Claudia tira um envelope de carta antigo da bolsa.

CLAUDIA

A minha avô chamou muitas vezes  
pelo seu nome nos últimos anos de  
vida.

Marlene deixa cair o açucareiro no chão. Abaixa-se com dificuldade. Claudia se apressa em ajudá-la. As duas se olham.

CLAUDIA

Foi em outubro do ano passado.

Marlene pega o envelope das mãos de Claudia. Vai até a mesa e senta-se. Olha para Claudia e volta a olhar o envelope. Hesitante, analisa-o cuidadosamente.

5. EXT. - FLASHBACK - PISCINA CHEIA - DIA

Marlene está dentro d'água com um cigarro aceso na boca e as mãos espalmadas na borda da piscina. Christine, do lado de fora, deitada na borda, pinta as unhas de Marlene de vermelho. Marlene passa o cigarro para Christine. Vemos a tatuagem com os números 73981 inscritos no braço de Christine, que dá uma tragada e tosse muito. As duas riem. Christine devolve o cigarro para Marlene.

CHRISTINE

Argh! Não sei como você consegue.

Marlene faz uma pose. Traga o cigarro de maneira exageradamente sensual.

MARLENE

(em Alemão. Legendas em  
Português)

Meu nome é Lola Lola. Eu sou uma  
estrela do cinema.

Marlene faz mais uma pose com o cigarro. Canta um trecho de "Falling in love again" imitando a famosa atriz em "O Anjo Azul". Christine ri e aperta a ponta do nariz de Marlene.

CHRISTINE

Hummmm! Minha Marlene Dietrich.  
Minha Lola Lola.

As duas riem. Marlene acaricia a tatuagem da amiga.

(CONTINUA)

MARLENE

Você já mentiu pra mim?

CHRISTINE

Por quê eu mentiria?!

MARLENE

Não sei. Mas eu tenho a sensação que você tá mentindo pra mim e pra minha família.

CHRISTINE

Marlene, eu devo a minha vida à vocês. Eu só não gosto de lembrar de certas coisas...

MARLENE

Eu sempre achei que você foi pega por outro motivo.

CHRISTINE

Por que você insiste tanto nesse assunto, mesmo sabendo que eu não gosto de tocar nele?

MARLENE

Me conta, vai.

CHRISTINE

Ai, se pudesse eu arrancava isso do meu braço só pra não ter que ouvir essas perguntas.

MARLENE

Você não confia em mim?

Marlene pega o esmalte e começa a pintar a tatuagem da amiga.

MARLENE

Eu te conheço Christine... você tá mentindo pra gente!(brincalhona)  
Até porque eu já te vi pelada e percebi que seu pinto não é circuncizado!

As duas gargalham alto. Christine brinca de jogar água em Marlene.

CHRISTINE

Como você é besta!

MARLENE  
 (fingindo surpresa em tom  
 trágico)  
 Ah! Já sei... você roubou um banco!

Christine entra na brincadeira e faz cara de malvada.

CHRISTINE  
 Pior que isso.

MARLENE  
 Pior? Então... Meu Deus, minha  
 família deu asilo a uma comunista!

CHRISTINE  
 (gargalhando como uma bruxa)  
 Pior! Muito pior!

MARLENE  
 (gritando tragicamente)  
 AHHHHH! Você matou alguém? É isso?  
 Ai, meu Deus, alguém me salve, eu  
 estou vivendo com uma assassina!

Christine ri e empurra a cabeça de Marlene pra debaixo  
 d'água. Marlene finge um afogamento exageradamente  
 dramático. Pára de se debater por alguns segundos. Silêncio.  
 Marlene emerge repentinamente dando um susto em Christine.

Elas gritam e riem alto. Marlene olha nos olhos de  
 Christine.

MARLENE  
 (séria)  
 Me conta vai. Eu sou ou não sou sua  
 melhor amiga?

Beatrice berra pela casa.

BEATRICE  
 (voz off)  
 Marlene, Christine! Meine Güte,  
 jeden Tag dasselbe. Ich hab die  
 Nase voll von eurem Versteckspiel.  
 Christine! Christine!

Christine pula na água. As duas se escondem do lado da  
 escada, submersas. Ouvem a voz de Beatrice, que não pára de  
 berrar o nome das duas. Se olham assustadas. Christine  
 emerge para apagar o cigarro que ficou na borda. Esbarra no  
 esmalte espalhando o líquido vermelho na água. Marlene  
 estende o dedo mindinho e tateia a mão de Christine debaixo  
 d'água. Entrelaçam os dedos mindinhos com força. Ficam  
 imóveis por alguns segundos.

A sombra de Beatrice aparece por cima de suas cabeças. Ela se abaixa na borda e enfia os dois braços dentro d'água. Puxa as duas.

BEATRICE

(em Alemão. Legendas em Português)

Então é aqui o esconderijo de vocês?

MARLENE

(em Alemão. Legendas em Português)

Não brigue com Christine. Fui eu que pedi pra ela deixar o serviço da casa pra pintar minhas unhas, mamãe! A culpa foi toda minha.

CORTA PARA O PRESENTE:

6. EXT. - PISCINA VAZIA - DIA

Claudia está sentada à mesa. MARLENE está de costas para Claudia, encostada na escada da piscina. Longo silêncio entre as duas. Claudia vê um porta retrato em cima de uma estante.

CLAUDIA

É sua filha na foto?!

Marlene tem o olhar perdido, embaçado. Se encosta na parede segurando a escada. Fecha os olhos lentamente, respira fundo e prende o ar.

CLAUDIA

A Senhora tem filhos?

Marlene continua de olhos fechados, prendendo o ar com o peito cheio. Segura a escada com força.

Claudia vai lentamente até Marlene. Toca em seu ombro. Marlene se assusta e abre os olhos. Enche o peito de ar repentinamente, como quem emerge da água. Seus olhos estão úmidos e assustados.

Marlene faz um gesto afirmativo com a cabeça. Se afasta de Claudia. Pega um cigarro do bolso e põe na boca. Procura a caixa de fósforos nos bolsos do casaco.

MARLENE

O que você quer?

(CONTINUA)

Marlene vai até a estante procurar o fósforo. Revira alguns objetos.

CLAUDIA  
Eu só perguntei se naquela foto...

MARLENE  
Sou eu. Sou eu na foto. Sou eu.

Marlene revira alguns móveis do ambiente. Vai até a mesa e acha a caixa de fósforos.

MARLENE  
Sou eu, na época da escola.

CLAUDIA  
Vocês se conheciam desde criança?

Marlene senta-se. Acende o cigarro com as mãos trêmulas. Apóia os cotovelos na mesa. Põe as mãos na testa. Respira fundo.

MARLENE  
(falando para si mesma)  
Quanta pergunta, meu Deus!

CLAUDIA  
Eu só queria...

MARLENE  
(cortando Claudia)  
Nós nos conhecemos no navio. Quê mais?

Claudia vai até a mesa. Fica em pé, de frente para Marlene.

MARLENE  
O que mais você quer saber? O quê?  
Me fala. O que você quer de mim?

Claudia puxa a cadeira. Senta com os braços apoiados na mesa. Olha fixamente para Marlene. A velha titubeia o olhar, fugindo das perguntas de Claudia.

CLAUDIA  
Eu acabei de adotar um bebê. (Pausa)  
Aí eu descobri essa carta. Eu sempre fui muito apegada a vovó e quando eu li... As coisas demoraram pra fazer sentido pra mim mas eu senti que precisava... Foi muito difícil descobrir onde a senhora morava. A vovó sempre foi tão  
(MAIS)

CLAUDIA (CONTINUA)  
misteriosa, inventando mil  
histórias. Olha, eu sei que a minha  
família nunca entenderia, assim  
como eles também não me entendem.

Marlene se irrita com o assunto. Tenta se levantar e é  
impedida por Claudia, que segura o seu braço.

CLAUDIA  
Essa história não é só sua. Eu  
tenho o direito de saber. A minha  
família não sabe praticamente nada  
sobre o passado da minha avó. Mas  
eu quero saber. Eu não vou  
descansar enquanto eu não entender  
aquela tristeza no olhar da minha  
avó. Eu só quero entender aqueles  
olhos me incentivando todos os dias  
em silêncio. Implorando pra que eu  
fosse feliz.

MARLENE  
Eu salvei a sua avó no navio.  
(Pausa) Quando a gente se viu pela  
primeira vez, Christine tava sendo  
arrastada por um tripulante que  
achou ela escondida num porão.  
(longo silêncio) Ela olhou nos meus  
olhos desesperada. Em pânico. Eu  
precisava fazer alguma coisa pra  
parar aquele brutamontes...

Marlene se levanta e anda pelo espaço.

MARLENE  
Então eu fiz uma cena. Comecei a  
gritar "minha irmã, que bom que te  
encontrei". Eu chorava e abraçava  
ela com muita força, como se a  
gente se conhecesse há anos. "Onde  
você se meteu? A mamãe passou a  
noite em claro te procurando". E  
mesmo sem nunca ter me visto na  
vida, ela entrou no meu jogo e me  
abraçou chorando, como se tivesse  
reencontrado a irmã. Na verdade ela  
chorava de gratidão por uma  
desconhecida se dispor a salvar sua  
vida.

CLAUDIA

E o tripulante acreditou?!

MARLENE

Nós não éramos nada parecidas. Mas ele não teve tempo de duvidar da minha cena. Eu chorava muito. (Pausa) Já dizia a minha avó, 'não se deve acreditar em cachorro que manca e mulher que chora.' (Risos) Eu agarrei o homem pelos braços e agradeci tanto por ele ter encontrado a minha irmãzinha. Dei até uma corrente que eu carregava no peito de presente pra ele. Enquanto ele avaliava a jóia, eu puxei a sua avó pelos corredores do navio, pra que ele não tivesse tempo de entender se aquilo era um agradecimento ou um suborno.

Claudia sorri. Marlene volta para a mesa. As duas se olham por um longo tempo. Claudia abre a bolsa. Pega uma foto da filha. Mostra para Marlene.

CLAUDIA

Eu pus o nome da vovó nela. Minha Christine.

7. EXT. - FLASHBACK - PISCINA VAZIA - DIA

Década de 40. Christine limpa os ladrilhos da piscina vazia. Com uma pequena escova, tira o lodo acumulado nas frestas. Marlene desce a escada da piscina. Segura uma tesoura de jardim escondida nas costas.

MARLENE

Christine, Christine. Rápido, feche os olhos! Você confia em mim?!

Christine sorri, respira fundo e fecha os olhos.

MARLENE

Me dá sua mão!

Marlene cantarola uma cantiga popular Alemã (Das gibt's nur einmal, das kommt nie wieder", de Werner R. Heymann - Trad: "Isso só acontece uma vez, não acontece de novo").

Ela pega o braço esquerdo de Christine, onde tem a tatuagem com os números 73981, e acaricia a tatuagem. Christine cantarola junto.

(CONTINUA)

Marlene puxa a pele do braço onde está a tatuagem de Christine e encosta a tesoura aberta. Christine abre os olhos e se assusta. Puxa rapidamente o braço.

CHRISTINE

Não, Marlene. Enlouqueceu?

Marlene pára de cantar. Segura o rosto de Christine. Beija lentamente os olhos da amiga.

As duas se olham. Marlene acaricia o rosto de Christine com a ponta do nariz. A respiração das duas se modifica. Marlene dá um beijo na boca de Christine.

MARLENE

(com os lábios encostados nos  
dela, susurrando)

Descobri o seu segredo.

As duas se olham. Beijam-se mais uma vez. Uma sombra cobre o rosto das duas durante o beijo. Beatrice, assiste a cena do lado de fora da piscina.

BEATRICE

(com voz suave, em Alemão.  
Legendado)

Filha.

Marlene e Christine param de se beijar. Olham pra cima. Veêm apenas o contorno de Beatrice no contra luz do sol. A mãe desce a escada. As duas se encostam na parede. Apertam as mãos. Marlene e Christine estão coladas uma na outra, imóveis.

Beatrice olha fixamente para Marlene. As três trocam olhares. Longo silêncio. Ouve-se apenas suas respirações.

BEATRICE

(Para Christine. Em Alemão.  
Legendado)

Eu te acolhi na minha família. Te  
dei um nome novo, te dei casa,  
comida, te dei um emprego...

CORTA PARA O PRESENTE:

8. EXT. - PISCINA VAZIA - FIM DE TARDE

Claudia está sentada à mesa. Marlene, está em pé ao lado da estante, vai até a cama e tira um casaco verde bastante velho debaixo do travesseiro. Tira de dentro dele uma foto. Senta-se na cama.

(CONTINUA)

## MARLENE

(olhando a foto)

Foi o próprio pai dela que denunciou. Ela ficou 2 anos presa, até o fim da guerra. Só não chegou a ir pra câmara de gás porque naquela época as autoridades... (pausa) Os nazistas usavam os bordéis dentro dos campos de concentração pra 'converter' as lésbicas... (Pausa) Sua avó foi forçada a se prostituir pros soldados da SS... e foi isso que, de certa forma, salvou a vida dela. Os nazistas acreditavam que, no caso das mulheres, aquele 'distúrbio' era passageiro. Que podia ser corrigido com o tempo. (Pausa) Pouquíssimas mulheres foram presas por esse motivo. Já os homens homossexuais morreram quase todos nos campos. Milhares deles...

Claudia vai até Marlene e senta-se ao seu lado na cama. Marlene põe a foto nas mãos de Claudia, veste o casaco verde, vai até a vitrola e põe a agulha no disco. Ouvimos a mesma cantiga Alemã da cena anterior.

Na foto, Claudia vê Marlene e Christine jovens, sentadas de mãos dadas, numa pose muito parecida com o quadro "duas fridas". Claudia sorri ao ver a avó na foto. Acaricia sua imagem.

Aos poucos, Claudia acompanha Marlene na cantiga. Levanta da cama, vai até ela, e dança discretamente alguns passos da música. Marlene, com a ajuda de Claudia, também dança alguns passos tímidos da canção. Riem ao perceber que têm uma sincronicidade espontânea ao dançar. Marlene volta a se sentar à mesa. Claudia a acompanha e senta-se.

## CLAUDIA

Ela sempre cantava essa música pra mim. (Pausa) Nos últimos meses de vida ela só me chamava pelo seu nome! A gente achava que era só mais um dos delírios da doença. Eu nunca imaginei... como pode a gente ser tão próximo de alguém e (Pausa) Minha avó guardava muitos segredos. Eu fiquei com esse nome martelando na minha cabeça durante muito tempo. Marlene, Marlene, Marlene. Só fui entender quando eu achei a carta que você escreveu pra ela...

(CONTINUA)

Toque de celular. Claudia procura o aparelho na bolsa. Marlene acende mais um cigarro. Claudia atende.

CLAUDIA

Oi. Oi meu amor.

Os olhos de Claudia se enchem de lágrimas. Ela faz esforço pra não chorar. Tenta disfarçar a voz embargada. Marlene se levanta constrangida. Caminha lentamente entre os móveis da piscina.

CLAUDIA

(no telefone)

Tá tudo bem Ana, não... não precisa... não se preocupa. Já já eu tô aí, tá bom? Eu só preciso...

Claudia se esforça para não demonstrar sua emoção. Limpa uma lágrima que escorre do olho.

CLAUDIA

E a Cris dormiu?(Risos) Tá. Eu sei. Também te amo!

Claudia desliga o telefone. Se recompõe. Guarda o celular na bolsa. Tira um lenço de papel. Limpa os olhos.

CLAUDIA

Desculpa. Era... a minha. Era a Ana. Ela tá aí fora com a nossa filha.

CORTA PARA:

9. EXT. - FLASHBACK - PISCINA VAZIA - NOITE

Década de 40. Marlene está sentada na beira da piscina sem água. Usa um vestido branco. Ao seu lado, Christine em pé, usa calças, sapato, camisa branca e um casaco verde sobre os ombros. Uma mala de viagem separa as duas. Christine lê uma carta.

Som de buzina de carro. As duas se olham. Christine estende o dedo mindinho e Marlene faz o mesmo. Entrelaçam os dedos. Som insistente de buzina de carro. Christine guarda sua carta no bolso da calça, tira o casaco verde e põe cuidadosamente nos ombros de Marlene. Entrega-lhe um envelope fechado. Pega a mala e vai embora.

Marlene fica imóvel por um longo tempo com o envelope nas mãos. Entra na piscina vazia e senta-se no chão. Abre o envelope e lê a carta.

CORTA PARA:

## 10. EXT. - PISCINA VAZIA - FIM DE TARDE

Claudia e Marlene estão sentadas à mesa. Marlene segura a carta nas mãos.

MARLENE

Ela foi feliz com o... com o marido?

CLAUDIA

Foi. Quer dizer, acho que foi. Não sei, meu avô era um homem doce. A vovó que era um pouco misteriosa, meio melancólica... olhar contemplativo. (Risos) Era o charme dela. (Pausa) Eu fico imaginando que se ela guardou essa carta por tanto tempo, com tanto carinho... Ela sempre disse que queria me ver casando com a Ana. Queria que eu usasse o vestido de casamento dela. (Pausa) Foi na caixa do vestido que eu achei a sua carta.

Marlene respira fundo. Fecha os olhos. Aperta-os com força. Fala com olhos fechados, com vergonha de demonstrar seu sentimento.

MARLENE

Ela prometeu que ía me mandar notícia. (Pausa) E eu prometi pra mim mesma... jurei que não ía tirar os pés dessa casa até... (Pausa) Eu fiquei. Eu fiquei porque eu sabia, eu queria, eu tinha, lá no fundo, eu tinha a esperança que um dia ela ía aparecer aqui.

Claudia se aproxima de Marlene, que está sentada ainda de olhos fechados, e se agacha próximo de suas pernas.

CLAUDIA

Um pouco antes de morrer ela segurou o meu rosto (repete o mesmo gesto com Marlene) e me disse: "Marlene, minha estrela de cinema! Eu tenho vergonha de não ter tido coragem. Se um dia a gente se ver novamente, eu só te peço que acima de tudo, me ame! E me perdoe, minha Lola Lola.

Claudia beija os olhos de Marlene. Pega sua bolsa. Sobe a escada da piscina. Marlene chora de olhos fechados com a carta nas mãos.

11. EXT. - RUA - INTERIOR DO CARRO DE CLAUDIA - FIM DE TARDE

A CAMERA FIXA DENTRO DO CARRO MOSTRA O MESMO ENQUADRAMENTO DA CENA 1: UMA RUA DE CASAS ANTIGAS À FRENTE, E NO REFLEXO DO RETROVISOR CENTRAL, O BANCO TRASEIRO.

Vemos Ana pelo retrovisor cochilando no banco traseiro com o bebê no colo. Claudia aparece na janela traseira. Abre a porta e entra. Ana desperta.

As duas se olham. Claudia tem os olhos úmidos. Ana beija a testa de Claudia e beija seu rosto. Claudia dá um longo beijo na boca de sua esposa.

Ana passa o bebê pro colo de Claudia. Ana sai pela porta traseira e entra pela dianteira. Senta no banco do motorista. Trava o cinto de segurança. Liga o carro e dá a partida.

Vemos Claudia pelo retrovisor com o bebê no colo. Ela encosta-se na janela com o olhar fixo no horizonte. Uma leve brisa bate em seu rosto. O carro segue em movimento.

FADE OUT.